

Desenvolvimento é a principal preocupação

Com mais de 350 mil habitantes, a Ceilândia é hoje a maior cidade-satélite do Distrito Federal, com aspectos bastante diversificados daqueles observados em 1971, quando para lá foram removidos os favelados das Vilas Tenório, Iapi, Esperança, Bernardo Sayão, Morro do Querosene, Morro do Urubu e outras invasões da periferia do Núcleo Bandeirante.

O projeto que deu origem à cidade, segundo a sua administradora Maria de Lourdes Abadia Bastos, foi elaborado pela Comissão de Erradicação de Invasões (CEI) — sigla de onde se tirou o nome Ceilândia. A remoção durou quase um ano, com todas as 17 mil famílias sendo transportadas em caminhões abertos ou gaiolões, confiantes na promessa da Secretaria de Serviços Sociais, que lhes assegurava o direito de ocupação de um lote, a preços condizentes com as suas condições econômicas.

Passados 10 anos, a cidade toma agora as suas próprias características, com uma população pioneira tentando preservar os hábitos e costumes adquiridos em sua terra de origem. Muito da cultura dessa população, entretanto, nem sempre tem lugar na Ceilândia de hoje, onde um velho “buteco”, em madeira convive lado a lado com uma discoteque instalada em amplos salões de cimento armado.

EXPERIÊNCIAS

Muitas das teorias dos cientistas sociais, utilizadas no projeto original da Ceilândia, acabaram por gerar erros ainda hoje insanáveis. Um deles, segundo algumas assistentes sociais que trabalham junto à administração do lugar, foi a tentativa de espalhar o baixo meretrício — que contava com local próprio nas invasões — por entre as famílias constituídas da nova cidade que surgia. Ao invés das famílias estruturadas influírem positivamente sobre as prostitutas, como previam os cientistas sociais, ocorreu exatamente o contrário: o ambiente carregado instalado entre as famílias acaboustituindo muitas delas, gerando o caos ainda existente em muitas quadras da cidade.

Foi detectado, por outro lado, um certo desequilíbrio e até angústia no seio da população que, com a remoção, não conseguiu manter ao seu lado o seu vizinho e parente que residia próximo a sua residência na invasão e deslocado para outros setores da Ceilândia.

SOCIAL

O alto índice de menores e adultos desempregados na Ceilândia, as péssimas condições de vida da maioria de sua população, geraram, por sua vez, fórmulas de sobrevivência que em outros lugares parecem impossível existir.

— Como uma família com a renda de um salário mínimo consegue levantar uma casa de alvenaria? Para muitos, isso só é possível através de uma variável que se chama “potencialidade humana”, definida pela administradora da Ceilândia como a vontade de sair de uma situação, de construir a casa, com coragem, trabalho e esperança:

A mulher e a criança de Ceilândia, entretanto, têm um grande papel na renda familiar. A média de filhos por família, segundo dados da administração, é de 6,2 e a renda do chefe não dá para o sustento da casa, o que faz com que a esposa e os filhos sejam obrigados a dar a sua parcela de contribuição.

MULHER

Merece destaque a posição privilegiada que tem a mulher pioneira da Ceilândia. Em seu nome saiu o documento do lote expedido pelo antigo Departamento Imobiliário da Novacap, como forma de garantir a segurança dos filhos, já que na época da remoção a maioria dos casais não tinha a certidão civil de casamento.

Esse procedimento gerou uma certa autonomia da mulher em relação ao homem, já que em caso de separação ela permanece na sua casa e expulsa o companheiro. As assistentes sociais, contudo, ainda não sabem até que ponto essa “autonomia” influencia no grande número de matrimônios desfeitos na Ceilândia.



O movimento, em Ceilândia, depois de dez anos de inauguração, é bem diferente de 1971: antes, quase não se viam automóveis, ao contrário de hoje, com o progresso da cidade